"Lembro-me do quão especial era morar num jardim tão reconhecido"

Carina Costa. Engenheira agrónoma é uma das responsáveis pelo Parque Terra Nostra, nas Furnas, uma tarefa que que partilha com o pai que a inspirou na escolha desta profissão, após uma infância onde a botânica sempre ocupou um lugar especial

Texto:
Ana Carvalho Melo
Fotografia:
Direitos Reservados

Como é que a Carina Costa descobriu o interesse pela agronomia? Alguma vez sonhou em trabalhar em outra área que não fosse esta?
A agronomia surge depois de entender que teria a oportunidade de continuar o trabalho do meu pai, no Parque Terra Nostra. Comecei por analisar as várias opções no ensino superior, que me pudessem proporcionar as bases necessárias para os desafios existentes, e concluí que a agronomia seria a área científica que me traria mais e melhores ferramentas para as áreas da produção e fitossanidade vegetal. E isso porque, na altura, me foram transmitidas como áreas de maior necessidade de intervenção técnica. Quando ingressei no secundário, e antes do meu pai transmitir-me o seu desejo, e abrir a mente para esta possibilidade, confesso que tinha outros interesses. Fascinava-me o mundo das tecnologias informáticas, mas gostava, ainda mais, de praticar desporto. Eu tinha um bom desempenho em vários e, provavelmente, teria acabado por seguir alguma formação na área do desporto, atividade física e saúde. Hoje sei que tomei a decisão acertada. Estou no sítio certo e não consigo imaginar-me noutra área profissional.

O facto de o seu pai, Fernando Costa, ter sido o responsável pelo Parque Terra Nostra teve influência?
Quando nasci o meu pai já era jardineiro no Parque Terra Nostra. Cresci a assistir ao seu entusiasmo diário na realização do seu trabalho como jardineiro, e ao seu esforço, quase sobrenatural, para se tornar num profissional melhor e se destacar na sua área, mesmo com todas as limitações que um autodidata tem de enfrentar. Grande parte do tempo das nossas férias, e dos passeios em família, era passado na natureza, a visitar jardins, ou em viveiristas à procura de plantas para enriquecer a coleção botânica do Parque. Em nossa casa, sempre houve horta e jardim e a minha mãe também sempre gostou deste mundo e tinha muito cuidado com as plantas de casa. Tudo isto foi inspirador. E ainda hoje, emociona-me ter de falar da sua história. Todas as histórias de superação pelo esforço são emocionantes. Será sempre com emoção e orgulho que falarei do que o meu pai conseguiu desenvolver num dos mais bonitos parques do mundo.

Já na sua infância tem memórias relacionadas com o Jardim?
Da minha infância, lembro-me do quão especial era morar num jardim tão reconhecido,

de o sentir como meu e de usufruir de todos os recantos mágicos que ele tinha para oferecer. Lembro-me de, junto com amigos, fazermos acampamentos escondidos, de subir às árvores, de sonhar em ter uma casinha de madeira em algumas delas e, sobretudo, dos muitos banhos no tanque termal, onde eu aprendi a nadar.

Estar responsável por um Parque com as características do Terra Nostra, numa atividade que depende de tantos fatores que nem se consegue controlar, deve trazer muitos desafios. Quais são os principais?

Sim, são muitos os desafios e novos projetos, pelo que elenco aqui apenas alguns dos que considero mais prementes. O Parque está prestes a celebrar 250 anos de história e o trabalho de preservação e renovação de algumas áreas mais envelhecidas requer cada vez mais cuidado, maior atenção e conhecimento científico na área da fitossanidade. Tendo-se esta consciência tem sido feito um esforço na contratação de mais técnicos, que ajudarão tanto nesta análise profunda como na procura das melhores soluções.

Continuar a surpreender os visitantes do Parque, principalmente os que nos visitam com regularidade, com a criação de novos jardins e novas coleções botânicas é, também, um enorme desafio, principalmente tendo-se em conta tudo o que já foi construído numa área que é limitada, e cujos solos se encontram cada vez mais esgotados pela existência das muitas árvores centenárias, as quais também acabam por tornar sombrias muitas zonas com as suas copas gigantes. Temos de ser cada vez mais criativos, engenhosos e minuciosos na escolha de plantas que se adaptem a esta nova realidade.

Tentar, cada vez mais, atrair nichos específicos de visitantes com grande interesse em botânica e paisagismo. Queremos seguir o exemplo do trabalho de divulgação feito com a coleção de camélias, e tentarmos internacionalizar outras das nossas importantes coleções botânicas, como a de Cicadales que também tem grande potencial.

Por fim, estamos certos de que, no Parque, ainda há muito por estudar, desde a sua história à flora e fauna existentes, pelo que gostaríamos de aumentar a colaboração com a Universidade dos Açores, e outras instituições, na certeza de que há muito conhecimento científico importante que pode ser desenvolvido para o Parque e para muitos outros jardins, entidades nacionais e internacionais também.

Recentemente realizou-se mais uma edição da exposição das Camélias, como é ano após ano pensar neste evento?

Já são 20 anos de uma exposição que contou, ao longo da sua história, com a participação de muitas pessoas, que deram o seu melhor para que se tornasse num evento de referência, não só na ilha mas, e em particular, no concelho da Povoação, onde se encontra uma maior diversidade de cultivares, estando esta diversidade de plantas muito concentrada na coleção existente no Parque Terra Nostra e, mais recentemente, na Mata Jardim José do Canto, que também tem feito um esforço neste sentido. De facto, nos últimos dois anos, tem participado no evento expondo algumas das camélias da sua coleção. A divulgação desta diversidade existente no concelho, de uma planta com uma longa história de cultivo nos jardins públicos e privados dos Açores, tem surtido efeito e nota-se, claramente, um rejuvenescimento pelo interesse das pessoas em quererem obter mais conhecimento sobre o cultivo destas espécies. Da mesma forma tem-se, também, verificado um aumento de pessoas a quererem adquirir cameleiras para o embelezamento dos seus jardins.

Nos últimos anos, os cenários para a exposição têm-se transformado em autênticos jardins no interior dos espaços onde têm acontecido. Esta ideia, de que as camélias deveriam ser expostas num ambiente, o mais próximo possível dos jardins onde se encontram naturalmente, foi desenvolvida pelo meu pai. Pelo facto de a sua vida profissional ter estado sempre ligada à natureza e à jardinagem, é natural que a inspiração para tudo o que cria seja resultado da ligação desta sua experiência, dos jardins que visitou ao longo do tempo e, muito em particular, do Parque Terra Nostra.

O tempo à volta do processo criativo varia de ano para ano. Este ano, a ideia do fontanário surgiu em dezembro passado, quando visitávamos um jardim em Roma. Tenho a certeza de que ele queria ter feito mais fontanários ao longo da sala, mas, por vezes, os meios disponíveis não lhe permitem colocar em prática as ideias com a grandiosidade com que lhe surgem. Assim, foi feita uma réplica de um fontanário existente no Parque Terra Nostra, obra do Marquês da Praia e Monforte, proprietário responsável pelo desenvolvimento do Parque entre 1872 e 1913.

Estou certa de que, para o próximo ano, o meu pai terá a capacidade de voltar a surpreender, mantendo a sua imagem de marca e construindo, com o apoio da sua equipa de jardinagem, mais um jardim dentro do Pavilhão Multiusos das Furnas.